

Solução sepulta a "crise latina"

Nova Iorque — A aguda crise da dívida, que durante dez anos perturba a já frágil economia latino-americana, ficou praticamente arquivada com o acordo obtido ontem pelo Brasil com os bancos credores para reduzir em 35% sua dívida pública de US\$ 44 bilhões, comentou-se em meios financeiros de Nova Iorque.

Este acordo permite ao Brasil pagar sua dívida num prazo de 30 anos.

O Brasil é o maior devedor do Terceiro Mundo, com um total de US\$ 122,2 bilhões em dívidas privada e pública, esta última renegociada tanto em Nova Iorque como antes no Clube de Paris, que reúne 24 governos.

Ao fazer o anúncio oficial, o presidente do Citibank (que representa o grupo de credores do Brasil, formado por 19 bancos de 9 países do mundo), William Rhodes, destacou que este acordo "assinala o fim" da crise da dívida entre os países economicamente mais importantes da América Latina.

Antes do Brasil, Argentina, México e Venezuela — entre outros países latino-americanos — também foram obrigados a renegociar com seus credores as suas dívidas, depois de obterem o apoio do FMI aos seus respectivos programas de saneamento econômico.

A crise da dívida latino-americana começou em agosto de 1982 quando o México decidiu suspender seus pagamentos, mas a fase de renegociação se iniciou há três anos, com o Plano Brady de redução da dívida.

Ao regularizar suas relações com os bancos comerciais — disse Rhodes — o Brasil está novamente em posição de ter "grande acesso ao mercado internacional de capitais". As negociações começaram em julho de 1991 mas se mantiveram praticamente congeladas até janeiro passado devido ao prolongamento da necessária garantia do FMI. A concessão de US\$ 2 bilhões em um acordo stand-by do FMI deu luz verde aos banqueiros para acelerar a solução do caso brasileiro.

Essa garantia também abriu ao Brasil as portas do Clube de Paris, com o qual conseguiu renegociar em fevereiro US\$ 4,9 bilhões sobre uma dívida pública de 21 bilhões com os países industrializados.